

ANÁLISE DA OBRA LITERÁRIA MAYOMBE NO CONTEXTO DA GUERRA DE LIBERTAÇÃO ANGOLANA

Priscila Henriques Lima¹

(UERJ)

Resumo: este trabalho tem como objetivo analisar a obra literária “*Mayombe*” de Pepetela, codinome do escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, onde almejamos compreender os desafios enfrentados pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) no processo de libertação angolano. Para tanto, consideramos que a prática política do movimento correspondente ao conceito de “*intelectual coletivo*” elaborado por Antonio Gramsci.

Palavras-Chave: Literatura, Mayombe, Pepetela, Intelectual Coletivo, MPLA.

Abstract: this paper aims to analyze the literary work "Mayombe" of Pepetela, alias of Angolan writer Artur Carlos Mauricio Pestana dos Santos, where we aim to understand the challenges faced by the Popular Movement for the Liberation of Angola (MPLA) in the process of liberation of Angola. To this end, we consider the practical politics of the movement corresponding to the concept of "collective intellectual" developed by Antonio Gramsci.

Keywords: Literature, Mayombe, Pepetela, Intellectual Collective, MPLA

Ao utilizar como fonte uma obra literária os historiadores podem balizar-se nos princípios de Antonio Cândido, quando este afirma que a obra literária influencia e é influenciada pela sociedade, e essa relação “*decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte*”.²

Assim, a literatura se insere complementemente na história bem como se inspira na história “*não só porque integra os modos de produção, circulação e consumo da cultura em épocas determinadas, mas também por ter o tempo como elemento básico na sua estrutura narrativa*.”³

¹ Mestranda em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro na linha de pesquisa Política e Cultura. (Petrópolis – Rio de Janeiro – Brasil. priscila-henriques@hotmail.com. Endereço lattes: <http://lattes.cnpq.br/1399438094762463>)

² CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973, p. 21.

³ FERREIRA, Antonio Celso. *A Fonte Fecunda*. In: O historiador e suas fontes / PINSKY, Carla Bassanezi & LUCA, Tania Regina de (org). São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 75.

Recorrendo ainda a análise fundamental de Antonio Cândido na obra *Literatura e Sociedade*, em que procura mensurar as possíveis influências do meio sobre a obra, Cândido afirma que “a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre”⁴. Tendo essa afirmativa na literatura contemporânea como irrefutável, prossegue dizendo que a literatura se afirma como social em dois sentidos

[a literatura] depende da ação de fatores do meio, que exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte.⁵

O ponto inicial da análise da fonte é o contexto e a maneira pela qual ela se originou. Assim, Néstor Garcia Canclini nos diz que “o problema básico da estética não é como se situa uma obra de arte ante as condições de produtividade de uma época, mas como se situa nelas. A arte não representa só as relações de produção; ela as realiza.”⁶ E dessa forma devemos considerar quatro momentos da produção: “a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões de sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.”⁷

Buscando um diálogo interdisciplinar com a lingüística, utilizaremos de suas técnicas como metodologia para análise da fonte, não esquecendo que como historiadores nossa prioridade ao utilizar tais técnicas é alcançar o *extrato de significação* dos fatos mencionados na fonte literária (no nosso caso específico), bem como a análise da produção da fonte, por meio das circunstâncias que levaram a sua existência.⁸ Ainda dentro desta explanação, cabe ressaltar que para o historiador, o

⁴ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1973, p. 19.

⁵ Idem, op. cit., p. 20-21.

⁶ CANCLINI, Néstor Garcia. *A Socialização da Arte: teoria e prática na América Latina*. São Paulo: Editora Pensamento, 1984, p. 23.

⁷ Ibidem. Op cit. P.21.

⁸ BARROS, Orlando de. *A propósito de um texto, a propósito de um texto, a propósito de outro texto...* Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

sentido da fonte se complementa fora dela por meio do conhecimento histórico do ambiente no qual ela foi criada.

Dessa forma, não basta justificar a narrativa histórica com trechos retirados do livro, mas compreender o momento da sua origem, o local da fala do autor, o processo de escolha da temática.

Não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo.⁹

O AUTOR: PEPETELA - UM INTELECTUAL REVOLUCIONÁRIO

Arthur Maurício Pestana dos Santos, de codinome Pepetela, nasceu em Benguela no dia 29 de janeiro de 1941, no seio de uma família colonial portuguesa, que, entretanto já haviam nascido em Angola. Coursou o ensino primário na própria cidade, dando continuidade ao mesmo na cidade de Lubango, no Liceu Diogo Cão onde concluiu o ensino secundário. Essas informações justificam muito do seu olhar como escritor, pois como o próprio relatou, mesmo sua família fazendo parte da classe média, o fato de ter passado sua infância e adolescência em cidades como Benguela e Lubango possibilitou que tivesse contato com angolanos de todas as raças pela característica multirracial da qual eram dotadas.

A sua formação política de esquerda veio por influência de um tio jornalista que desde cedo o incentivou com leituras de teóricos marxistas, como também ao estudar em Lubango manteve proximidade com padre Noronha, militante da esquerda católica que o mantinha informado sobre a revolução.

Devido à ausência de instituições de curso superior nas colônias, e pela importância de uma formação para a modificação da realidade de Angola, no ano de 1958 mudou-se para Lisboa onde ingressou no curso de Engenharia no Instituto Superior Técnico, tendo cursado pouco mais de um ano, quando muda para o curso de

⁹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973, p. 21.
Revista Litteris – www.revistaliteris.com.br
Setembro de 2011

Letras, também por um breve tempo, pois no ano de 1963 ele opta por seguir a vida de militância política ao ingressar no movimento do MPLA.

Ao optar pela militância política, segue para Paris, onde permanece por pouco tempo seguindo logo depois para a Argélia, onde entra em contato com Henrique Abranches que o incentiva a participar na CEI, dedicando-se ao manuseio da documentação da cultura e sociedade angolana e principalmente no desenvolvimento textual das mensagens do MPLA. Foi nessa época que desenvolve sua primeira obra – *Muana Puó*, romance que analisava a realidade angolana por meio das máscaras Tchokwe, uma das tribos angolanas. Paralelamente ao seu trabalho na Casa, licenciou-se em Sociologia e no ano de 1969 inicia sua participação na luta armada em prol da libertação de Angola.

Sua primeira participação ocorre na Cabinda, envolvido nas questões de educação e responsável pelo processo de conscientização dos militantes do partido. Foi nesta época que adota o codinome de Pepetela que na língua umbundo quer dizer pestana. No ano de 1972 é transferido para frente leste exercendo a mesma função, onde permanece até o ano de 1974 quando segue para Luanda compondo a primeira delegação a dominar o local.

Após a independência, durante o governo de Agostinho Neto, ocupou a função de Diretor do Departamento de Educação e Cultura e posteriormente do Departamento de Orientação Política e no período de 1975 a 1982 foi vice-ministro da Educação. Posteriormente passou a lecionar sociologia na Universidade de Luanda e na Universidade de Arquitetura de Angola.

LOCAL DE FALA: ONDE, COMO E POR QUE *MAYOMBE*?

Mayombe, sua obra mais famosa, foi pensada e elaborada durante os anos 1970 e 1971, pelo guerrilheiro Pepetela durante a guerra de libertação.

A narrativa aborda um líder guerrilheiro, o comandante Sem Medo, responsável pela organização de um grupo militante do MPLA, que se localizam na floresta Mayombe. O livro levanta a todo instante os desafios para a libertação nacional e a luta

pelo socialismo devido a questões como tribalismo¹⁰, racismo e corrupções internas no movimento que acabam minando a credibilidade da revolução.

De acordo com o próprio autor

Mayombe é um livro que foi feito sem projeto. Esse livro apareceu dum comunicado de guerra. Nós fizemos uma operação militar e eu era o responsável por mandar informações, redigir o comunicado, como tinha passado a operação e enviar depois para o nosso departamento de informação, que veiculava no rádio, no jornal. Eu escrevi aquela operação com que o livro começa e que é real. Acabei de escrever o comunicado, uma coisa objetiva, assim fria. E não foi nada disso que se passou. E continuei o comunicado, tirei a primeira parte e mandei pra eles, no departamento de informações e continuei. Saiu um livro sem saber quem era o personagem sem Medo.¹¹

No decorrer da obra *Mayombe*, fica perceptível a experiência do autor para além da sua prática revolucionária deixando clara a influência de sua formação acadêmica na área da sociologia.

Digamos que são duas formações que se completam. Há uma certa preocupação, por exemplo, em análise social, é evidente. Sobretudo a análise do fenômeno do tribalismo, no plano social, o que é importante. É o que de uma forma empírica, portanto, eu estudava naquele momento. É claro que isso vai aparecer no livro que eu estava a escrever naquele momento. É evidente que eu estava minimamente apetrechado para fazer a análise. A minha formação serviu para levantar problemas. Uma pessoa que não tivesse essa formação talvez não se preocupasse com tal e tal problema e adentrar, ir mais fundo, etc. Há uma coisa que é característica, eu penso, da Escola Sociológica francesa, que aparece lá, que é a preocupação com o relativismo. E isso é declaradamente influência de meus estudos que temperaram bastante a possibilidade do dogmatismo que a aplicação do marxismo podia ter no final.¹²

Ao optar pela ficção em contrapartida a um ensaio acadêmico, afirma que

¹⁰ Sobre o termo “tribalismo”, optamos pela sua utilização devido a presença constante na obra literária aqui utilizada como fonte histórica.

¹¹ *Entrevista publicada na Revista Ponto e Vírgula*, n. 40, nov.-dez. 2000. Publicação da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.

¹² **SERRANO, Carlos.** *O romance como documento social: o caso de Mayombe* - Entrevista com Pepetela. 1985. Visualização em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via03/via03_11.pdf

Revista Litteris – www.revistaliteris.com.br

Setembro de 2011

Escrevi porque tinha necessidade de escrever. Estava em cima de uma realidade que quase exigia que eu escrevesse. Escrevendo eu compreendia melhor essa realidade; escrevendo eu atuaria também melhor sobre a própria realidade. Não quanto à obra escrita, mas pela minha atuação militante para melhor compreensão dos fenômenos que se passaram. Mas escrevia também para compreender melhor esses fenômenos. Claro que podia fazê-lo com um ensaio acadêmico, não era essa a minha intenção.¹³

Assim, localizamos na obra a questão do tribalismo como o ponto central da obra de Pepetela, quando demonstra as dificuldades da criação de uma unidade nacional para condução do país após a independência, afetando diretamente os princípios propostos pelo MPLA que se baseia num projeto nacionalista, multirracial e cultural. Pepetela nos afirma que “*o tribalismo era realmente muito forte particularmente porque se fazia uma guerra naquele momento em uma região em que a população apoiava muito pouco a guerrilha*”.¹⁴

A obra foi gerada por meio da reflexão artística sobre a realidade da sociedade angolana, sobre as perspectivas do movimento de libertação e principalmente sobre a receptividade dos princípios do MPLA pela população. Os ensinamentos socialistas, simbolizando o papel intelectual do movimento, se encontram na narrativa da obra. Neste sentido perpassa todo o texto, a busca da conscientização dos militantes de que a revolução só estaria garantida a partir do momento que se reconhecessem para além de suas tribos, e que somente a prática do movimento levaria a todos os angolanos a apoiarem a causa.

A estrutura literária de *Mayombe* é polifônica onde os acontecimentos são apresentados do ponto de vista de várias personagens em primeira pessoa, denotando profundo respeito a cada homem na sua individualidade. Ao dar plenos poderes as personagens, o autor não cria objetos, mas sim sujeitos.

Outra característica relevante da obra é que os personagens se exprimem da mesma maneira lingüística, apesar de pertencerem a classes econômicas diferentes. Durante toda a narrativa é utilizado o mesmo registro lingüístico, desconsiderando o abismo existente entre as classes sociais das personagens e suas origens culturais. Essa

¹³ Idem, op. cit., p. s/n

¹⁴ Idem, op. cit., p. s/n

característica reafirma um objetivo claro da luta guerrilheira: a igualdade entre as pessoas.

Buscando alcançar a sociedade angolana, o nacionalismo fez de uma parcela da literatura um instrumento por excelência da difusão dos seus ideais. Ou seja, a literatura foi posta ao seu serviço. Deste modo, através do processo da leitura e de uma estrutura didática adequada pretendia-se alcançar a transferência e o reconhecimento dos ideais nacionalistas do leitor para o cidadão da nação em construção.

Neste ponto encontra-se um grande desafio ao trabalho de conscientização pelos intelectuais angolanos, pois mesmo sendo o português língua oficial de Angola¹⁵, o país conta com quatro línguas nacionais — umbundu, kimbundu, kikongo e o tchokwe¹⁶ — e mais 37 línguas indígenas e 50 dialetos. Diante da divergência entre os dialetos tribais e o português, a prática da conscientização política do MPLA dava-se através da oralidade, que ia além de metodologia facilitadora dos fundamentos nacionalistas.

A CONSTRUÇÃO DE UMA NAÇÃO: A QUESTÃO DO TRIBALISMO PRESENTE NA OBRA *MAYOMBE*

Os movimentos nacionalistas foram em sua grande maioria apoiados pelo socialismo da URSS, que traziam em si valores contrários ao imperialismo vigente desde o século XIX, considerado por Lenin como uma etapa superior do capitalismo, tendo este se transformado num “*sistema universal de subjugação colonial e de estrangulamento financeiro da imensa maioria da população do planeta por um punhado de países avançados.*”¹⁷

No mundo desenvolvido do século XIX, o desenvolvimento de um número de nações que combinavam o Estado-nação e a economia nacional era, evidentemente, um fato central da transformação histórica, e como tal era visto. No mundo dependente da primeira

¹⁵ "A língua oficial da República de Angola é o português", artigo 19.º § 1, Constituição da República de Angola. Assembléa Constituinte. Página visitada http://embangola.artedesign-net.pt/CONSTITUICAO-APROVADA_4.2.2010-RUI-FINALISSIMA.pdf em 10 de setembro de 2010.

¹⁶ *Perguntas e Respostas*: República de Angola. governo de Angola. Página visitada <http://www.governo.gov.ao/PerguntasERespostasTodos.aspx?Codigo=27> em 10 de setembro de 2010.

¹⁷ LENIN, Vladimir I. O Imperialismo, etapa superior do capitalismo. Lisboa: Edições Progresso, 1984, p. 2. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/index.htm>.

metade do século XX, e por razões óbvias, os movimentos pró libertação e independência nacional, especialmente na sua parte colonizada, foram os agentes principais para a emancipação política da maior parte do planeta.¹⁸

Coube ao MPLA o papel de politizar a sociedade angolana por meio da construção do seu nacionalismo, e na obra essa função é delegada a personagem Comissário Político, responsável pela formação política dos quadros do movimento e pela condução política da guerrilha, onde por meio dos ensinamentos partidários, os militantes defenderiam a causa pelo motivo correto: o fim da exploração da nação angolana, evitando assim os arroubos por quaisquer outros motivos relevantes. A ele caberia conscientizar a população para a formação da nação angolana, e esse é o papel do MPLA, corroborando com a lógica do intelectual coletivo de Gramsci, onde “*o agente da vontade coletiva transformadora não pode mais ser encarnado por um indivíduo*”¹⁹, no que ele chamou de um “moderno Príncipe”, diferente de Maquiavel que atribuía tais funções a uma pessoa singular.

E se o partido, enquanto organismo coletivo representa a elevação de uma parte da classe, de sua vanguarda, da fase econômico-corporativa à fase política, da particularidade à universalidade, da necessidade à liberdade, é natural que uma mesma elevação – ainda que em diferentes níveis – ocorra também em cada um de seus membros individuais.²⁰

Assim, ao ingressar no partido político, os indivíduos se capacitam e vão por meio do estabelecimento de diálogo em seus núcleos pessoais, atuando no processo de conscientização da sociedade em que vivem. Mas como fazer essa consciência ser absorvida pela comunidade? “*Consciência política, consciência das necessidades do*

¹⁸ **HOBBSAWM, Eric J.** *Nações e Nacionalismo: desde 1780 – programa Mito e Realidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1990, p. 196.

¹⁹ **COUTINHO, Carlos Nelson.** *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, pág. 167.

²⁰ *Idem*, op. cit., p. 169.

*povo! Palavras fáceis, palavras que, no fundo, nada dizem. Como age em cada um deles essa dita consciência?”*²¹

As particularidades da sociedade angolana ficam nítidas no decorrer da narrativa de Mayombe, principalmente a questão étnica como o grande desafio para a construção do nacionalismo.

A primeira narrativa da obra é da personagem Teoria, nascido na Gabela, filho de mãe negra e pai branco – comerciante português. Sua função na base era auxiliar o Comissário Político no processo de politização dos militantes e da sociedade, porém atua incisivamente no combate de guerrilha, pois vê na ação a possibilidade do grupo enxergá-lo como igual, e não como portador do “pecado original”: ter nascido mestiço.

Eu, o narrador, sou Teoria. (...) Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o mundo é geralmente maniqueísta.²²

E Teoria continua a explicar os motivos que o levaram a abandonar sua esposa e aderir à militância: a possibilidade de se criar um mundo novo

Perdi Manuela para ganhar o direito de ser “talvez”, café com leite, combinação, híbrido, o que quiserem. Os rótulos pouco interessam, os rótulos só servem os ignorantes que não vêem pela coloração qual o líquido encerrado no frasco. (...) Criança ainda, queria ser branco, para que os brancos não me chamassem negro. Homem, queria ser negro, para que os negros me não odiassem.²³

Outro personagem a demonstrar a questão do tribalismo como fundamental é Milagre. Nascido na região Kimbundo, na cidade de Quibaxe, não teve oportunidade de concluir seus estudos, ingressando em 1961 no MPLA. Por pertencer a uma

²¹ PEPETELA. *Mayombe*. Luanda: União dos Escritores Angolanos – 2ª edição (Edição de bolso), 1980, p. 18.

²² PEPETELA. *Mayombe*. Luanda: União dos Escritores Angolanos – 2ª edição (Edição de bolso), 1980, p. 14.

²³ Idem, op. cit., p. 20-21.

determinada tribo, com hábitos, e tradições distintas dos demais, mesmo participando do movimento ainda não rompeu os laços com suas origens

(...) nestas coisas o Comissário é um mole, ele pensa que é com boas palavras que se convence o povo de Cabinda, este povo de traidores! (...) Vim para o MPLA chamado pelo meu tio, que era dirigente. Na altura! Hoje não é, foi expulso. O MPLA expulsa os melhores, só porque eles se não deixam dominar pelos kikongos que o invadiram. Pobre MPLA!²⁴

A sabotagem ao movimento ocorre dentro do mesmo, a partir dos seus militantes, quando os motivos que os levam a participação são de origem individual, ou utilizando um termo de Gramsci, “*egoísta-passional*”.

Eu, o narrador, sou Milagre, o Homem da bazuka. (...) sofri o colonialismo na carne. O meu pai foi morto pelos tucas [portugueses]. Como posso suportar ver pessoas que não sofreram agora mandarem em nós, até parece que sabem do que precisamos! É contra esta injustiça que temos de lutar: que sejam os verdadeiros filhos do povo, os genuínos, a tomar as coisas em mãos.²⁵

As reflexões feitas à prática do partido cabe a personagem do Comandante Sem Medo, condutor principal da narrativa da obra, onde todas as ações da produção literária fazem menção a ele, possibilitando sua manifestação em todas as situações. Contudo, é importante perceber que não há um julgamento de valor na personagem, mas reflexões sobre a rotina e os princípios do movimento. Cabe a Sem Medo o “pensar” da ação revolucionária, sobre a criação de um mundo novo. Podemos perceber isso na passagem abaixo:

O que conta é a ação. Os problemas do Movimento resolvem-se fazendo a ação armada. A mobilização do povo de Cabinda faz-se desenvolvendo a ação. Os problemas pessoais resolvem-se na ação. Não uma ação à toa, uma ação por si. Mas a ação revolucionária. O que interessa é fazer a Revolução, mesmo que ela venha a ser traída.²⁶

²⁴ Idem, op. cit., p. 42.

²⁵ Idem, op. cit., p. 57.

²⁶ Idem, op. cit., p. 74.

Percebe-se no trecho acima que sua preocupação está na ação revolucionária. Podemos compreender que se resume na ideia de uma sociedade onde o interesse particular do indivíduo não entrará em conflito com o interesse de outros indivíduos ou com os interesses da comunidade e isso só será possível a partir do momento que não houver mais a exploração do homem pelo homem, assim ao se criar melhores condições de vida para o indivíduo automaticamente estaria melhorando a condição de vida de todos.

Ao apoiar a indicação do militante Mundo Novo para assumir a posição de Responsável em Dolisie, cidade em que se encontra o núcleo administrativo do movimento, é possível perceber o posicionamento da personagem diante da prática revolucionária do partido:

- Não temos as mesmas idéias – disse Sem Medo - Tu és o tipo do aparelho, um dos que vai instalar o Partido único e onipotente em Angola. Eu sou o tipo que nunca poderia pertencer ao aparelho. Eu sou o tipo cujo papel histórico termina quando ganharmos a guerra. Mas o meu objetivo é o mesmo que o teu. E sei que para atingir o meu objetivo, é necessária uma fase intermediária. Tipos como tu são os que preencherão essa fase intermediária. Por isso, acho que fiz bem em apoiar o teu nome. Um dia, em Angola, já não haverá necessidade de aparelhos rígidos, é esse o meu objetivo. Mas não chegarei lá.²⁷

Sem Medo assimila a revolução como parte do percurso para se alcançar uma sociedade liberta. Esse posicionamento de Sem Medo é compreendido por Mundo Novo, quando este responde que

- No fundo é a minha posição – disse Mundo Novo – Eu sei que o comunismo não será conquistado já, comigo em vida, que o mais que conseguiremos é chegar ao socialismo. São precisos muitos anos para vencer as relações de produção capitalistas e a mentalidade que elas deixam. É a mesma posição!²⁸

E o ponto central para se alcançar essa sociedade, é a vitória da revolução, não só ao obter a liberdade nas guerras de libertação, mas também ao libertar os angolanos da premissa tribalista e, neste aspecto o comandante Sem Medo foi enfático, num

²⁷ Idem, op. cit., p. 274.

²⁸ Idem, op. cit., p. 275.

episódio onde um dos militantes se perde na mata – Muatiânvua – que devido ao seu histórico de anos na militância dos movimentos de libertação, tornou-se destribalizado. Ao convocar voluntários para procurá-lo, e na hesitação da grande maioria, o comandante declara

- Ninguém se queria oferecer, porque Muatiânvua é um destribalizado. Fosse ele kikongo ou kimbundo e logo quatro ou cinco se ofereceriam... Quem foi? Lutamos, que é cabinda, e Ekuikui, que é umbundo. Uns destribalizados como ele, pois aqui não há outros cabindas ou umbundos... É assim que vamos ganhar?!²⁹

Essa postura pode ser vista nas palavras do líder do MPLA na época da independência, Agostinho Neto, quando diz que a principal tarefa do partido é “*transformar o homem, tribalizado, cheio de complexos raciais e de classe, num homem verdadeiramente livre*”.³⁰

Ainda podemos perceber na obra a fala de alguns militantes que são considerados destribalizados, e que exatamente por isso são tratados preconceituosamente, como Muatiânvua:

(...) Querem hoje que eu seja tribalista! De que tribo, pergunto eu. De que tribo, se eu sou de todas as tribos, não só de Angola, como da África? Não falo eu o swahili, não aprendi eu o haussa com um nigeriano? Qual é a minha língua, eu, que não dizia uma frase sem empregar palavras de línguas diferentes? E agora, que utilizo para falar com os camaradas, para deles ser compreendido? O português. A que tribo angolana pertence a língua portuguesa?³¹

Assim, a formação da consciência política deveria partir da modificação da visão dos militantes e da sociedade angolana, percebendo o ponto em comum de todas as tribos, a exploração do trabalho pelos colonizadores e mais uma vez coube ao Comissário Político discursar para os trabalhadores:

²⁹ Idem, op. cit., p. 63.

³⁰ **AGOSTINHO NETO, Antonio.** *Tudo pelo povo, tudo pela independência, tudo pelo socialismo.* Luanda: Gráfica Popular UEE – Ministério da Defesa, 1970, p. 115.

³¹ **PEPETELA.** *Mayombe.* Luanda: União dos Escritores Angolanos – 2ª edição (Edição de bolso), 1980, p. 145-146.

- Vocês ganham vinte escudos por dia para abaterem as árvores a machado, marcharem, marcharem, carregarem pesos. O motorista ganha cinquenta escudos por dia, por trabalhar com a serra. Mas quantas árvores abate por dia vossa equipa? Umas trinta. E quanto ganha o patrão por cada árvore? Um dinheirão. O que é que o patrão faz para ganhar esse dinheiro? Nada, nada. Mas é ele que ganha. E o machado com que vocês trabalham nem sequer é dele. É vosso, que o compram na cantina por setenta escudos. E a catana é dele? Não, vocês compram-na por cinquenta escudos. Quer dizer, nem os instrumentos com que vocês trabalham pertencem ao patrão. Vocês são obrigados a comprá-los, são descontados do vosso salário no fim do mês. As árvores são do patrão? Não. São vossas, são nossas, porque estão na terra angolana. Os machados e as catanas são do patrão? Não, são vossos. O suor do trabalho é do patrão? Não, é vosso, pois são vocês que trabalham. Então, como é que ele ganha muitos contos por dia e a vocês dá vinte escudos? Com que direito? Isso é exploração colonialista. O que trabalha está a arranjar riqueza para o estrangeiro, que não trabalha. O patrão tem a força do lado dele, tem o exército, a polícia, a administração. É com essa força que ele vos obriga a trabalhar, para ele enriquecer.³²

Fica claro nas palavras do Comissário Político que o resultado da mão-de-obra deve ser revertido para aqueles que trabalham, e por meio dessa realidade é possível o partido demonstrar as verdades da prática do colonialismo: de que a exploração é inerente a tribo, todas sofrem as mesmas agruras.

Torna-se necessário que os angolanos percebam que a figura inimiga é a do colonizador, e podemos também localizar na fala do partido, neste relato de Agostinho Neto

Os colonialistas portugueses e os seus aliados têm espalhado pelos quatro cantos da terra o boato de que a guerra em Cabinda está paralisada porque os dólares americanos compraram o MPLA. Queremos tornar perfeitamente claro que, nesta guerra, não foram o MPLA nem o povo angolano que se venderam: são os miseráveis governantes portugueses que se vendem, que hipotecam as suas colônias e até o seu próprio país. São os fascistas portugueses que estão a conceder cada vez mais facilidades aos investidores estrangeiros, em desvantagem do povo português que não ganha nada com estas transações. Quem explora o minério de ferro em Angola? Os alemães! Quem explora o petróleo? Os americanos e os belgas! E a quem pertence o caminho de ferro de Benguela? Os ingleses! A quem pertence à Companhia de Diamantes? Aos americanos, aos belgas, aos franceses e aos ingleses! Quem explora o petróleo no distrito de

³² Idem, op. cit., p. 42-43.

Cabinda? Os americanos! E na própria metrópole colonial, o povo português sabe muito bem, apesar das formas camufladas de exploração, que há partes do território português que não estão sob o seu controle, que estão hipotecadas. Partes onde os portugueses não mandam, mas obedecem ao dólar: é assim nos Açores, em Beja e numa parte considerável da indústria turística, etc.³³

O objetivo do partido, bem como é possível perceber na fala da personagem Comissário Político e no discurso de Agostinho Neto³⁴, era trazer para o movimento a classe operária, presente em todas as tribos, pois é dentro dela que se pode observar a comercialização da mão-de-obra, característica do capitalismo, e neste sentido Lenin já dizia que a classe operária não conseguiria sozinha alcançar essa conscientização:

Os operários, já dissemos, não podiam ter ainda a consciência social-democrata. Esta só podia chegar até eles a partir de fora. A história de todos os países atesta que, pelas próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, à convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários, etc.³⁵

Dessa forma é necessário que o partido funcione como educador, utilizando de um discurso que seja acessível a todos, tendo como ponto principal a coerência entre o discurso feito e suas ações, possibilitando o seu pleno entendimento pela sociedade e consequentemente a sua prática dali em diante.

Podemos notar a concretização desse objetivo no episódio que relata um roubo por parte de um dos militantes, no momento que o grupo estava realizando uma abordagem a trabalhadores na mata. Ao darem conta do valor roubado, o grupo de guerrilheiros chega a conclusão que deveriam voltar para entregar o dinheiro ao seu

³³ **AGOSTINHO NETO, Antonio.** *Tudo pelo povo, tudo pela independência, tudo pelo socialismo.* Luanda: Gráfica Popular UEE – Ministério da Defesa, 1970, p. 53-54.

³⁴ Agostinho Neto (1922-1979) foi médico, poeta e presidente angolano. Participou da geração de estudantes africanos que formariam a base dos intelectuais engajados nas lutas de libertação das colônias portuguesas. Participou da formação do Movimento Popular de Libertação de Angolana (MPLA), tendo assumido sua direção em 1962. Declarou a independência de Angola em 1975, tornando-se presidente do país no mesmo ano após o MPLA consagrar-se vitorioso no enfrentamento a dois movimentos nacionalistas: Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). Conhecido também pela sua produção literária engajada nas lutas de libertação e na ideologia marxista-leninista.

³⁵ **LENIN, Vladimir I.** *Que fazer?* São Paulo: Hucitec, 1978, p. 24. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1902/quefazer/index.htm>. Acesso: 22.nov.2010.

respectivo proprietário. Chegando lá, o trabalhador opta por doar o valor ao movimento, e passado um tempo, procura os guerrilheiros com o seguinte argumento:

Bem, aquela conversa que os camaradas tiveram conosco começou a convencer-me. Realmente nós somos explorados e devemos lutar. Mas o que me convenceu mesmo foi quando os camaradas se arriscaram tanto para me devolver o dinheiro. Aí sim, eu compreendi tudo. Os camaradas eram mesmo para defender o povo. Comecei ouvir a rádio “Angola Combatente”. Ai aprendi umas coisas. Depois falei com meus amigos, começamos a discutir a situação e do MPLA. Achamos que podíamos trabalhar para o Movimento mesmo lá, sem ninguém saber. (...) Então eu vim fazer contato. Eu queria mesmo era ser guerrilheiro.³⁶

Constata-se assim que o discurso sendo comprovado pela ação mobiliza a sociedade. A função da educação não se restringe somente a formação político-militar, mas tem seu início ainda na alfabetização, possibilitando o desenvolvimento pleno do ser humano e agindo principalmente na conscientização de que são oprimidos e da necessidade de se criar um novo homem.

Torna-se imperioso perceber que essa estrutura criada por meio da instrução revolucionária (alfabetização + formação político-militar) encontra-se na base das necessidades do nacionalismo, visando a conscientização da sociedade, e principalmente respeitando as particularidades que compõem a massa popular, que como bem disse Hobsbawm, são os últimos a serem despertados pela consciência nacional. Além disso, cabe ao partido elaborar essa instrução revolucionária de maneira a realçar as semelhanças entre as tribos, todas subjugadas à exploração capitalista colonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO NETO, Antonio. *Tudo pelo povo, tudo pela independência, tudo pelo socialismo.* Luanda: Gráfica Popular UEE – Ministério da Defesa, 1970.

³⁶ **PEPETELA.** *Mayombe.* Luanda: União dos Escritores Angolanos – 2ª edição (Edição de bolso), 1980, p. 276.

- BARROS, Orlando de.** *A propósito de um texto, a propósito de um texto, a propósito de outro texto...* Rio de Janeiro: UERJ, 1996.
- CANCLINI, Néstor Garcia.** *A Socialização da Arte: teoria e prática na América Latina.* São Paulo: Editora Pensamento, 1984.
- CANDIDO, Antonio.** *Literatura e Sociedade.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- COUTINHO, Carlos Nelson.** *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- FERREIRA, Antonio Celso.** *A Fonte Fecunda.* In: *O historiador e suas fontes /* PINSKY, Carla Bassanezi & LUCA, Tania Regina de (org). São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- GRAMSCI, Antonio.** *Cadernos do Cárcere, vol. 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- HOBSBAWM, Eric J.** *Nações e Nacionalismo: desde 1780 – programa Mito e Realidade.* São Paulo: Editora Paz e Terra, 1990.
- LENIN, Vladimir I.** *O Imperialismo, etapa superior do capitalismo.* Lisboa: Edições Progresso, 1984. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/index.htm>.
- PEPETELA.** *Mayombe.* Luanda: União dos Escritores Angolanos – 2ª edição (Edição de bolso), 1980.
- SERRANO, Carlos.** *Angola. Nascimento de uma Nação (Um estudo sobre a construção da Identidade Nacional).* Luanda: Edições Kilombelembe, 2008.